

FÚTBOL CALLEJERO: UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

FÚTBOL CALLEJERO: A PEDAGOGICAL ALTERNATIVE FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES

FÚTBOL CALLEJERO: UNA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DE LA ESCUELA

Claudionor Nunes Cavalheiro

<https://orcid.org/0000-0003-2695-0103> 

<http://lattes.cnpq.br/3888600404188444> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Primavera do Leste, MT – Brasil)

claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br

Riller Silva Reverdito

<https://orcid.org/0000-0003-0556-9151> 

<http://lattes.cnpq.br/3357837391641002> 

Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres, MT – Brasil)

rsreverdito@unemat.br

Resumo

No contexto do futsal nas escolas de Educação Básica, frequentemente associamos sua prática ao aspecto esportivo/midiático difundido na mídia. Ao abordar essa questão no ambiente escolar, é crucial discutir e vivenciar as diversas possibilidades da prática do futsal, descobrindo outras possibilidades de jogá-lo. Com essa intencionalidade, apresentamos o relato de experiência em uma escola de Ensino Técnico Integrado ao Nível Médio, que explorou a prática do futsal, utilizando-se da metodologia do *fútbol callejero*. A trajetória metodológica envolveu questionários com perguntas abertas e fechadas e diários de campo, com análise fenomenológica. Destacamos aspectos positivos mobilizados na prática, como a interação e a sociabilidade entre os alunos e alunas, favorecendo o diálogo dentro e fora da quadra, criando regras e possibilidades de praticar o futsal. Entre os/as participantes, foi destacada a relevância da prática dos princípios basilares do *fútbol callejero* (respeito, solidariedade e companheirismo), para a formação integral.

Palavras-chave: *Fútbol Callejero*; Formação Humana; Ensino.

Abstract

In the context of futsal in Basic Education schools, we often associate its practice with the sporting/media aspect disseminated in the media. When addressing this issue in the school environment, it is crucial to discuss and experience the various possibilities of practicing futsal, discovering other possibilities of playing it. With this intentionality, we present the experience report in a school of Technical Education Integrated to the High School, which explored the practice of futsal, using the methodology of *fútbol callejero*. The methodological trajectory involved questionnaires with open and closed questions and field diaries, with phenomenological analysis. We highlight positive aspects mobilized in practice, such as interaction and sociability between students, favoring dialogue on and off the court, creating rules and possibilities to practice futsal. Among the participants, the relevance of the practice of the basic principles of *fútbol callejero* (respect, solidarity and companionship) for integral formation was highlighted.

Keywords: *Fútbol Callejero*; Human Formation; Teaching.

Resumen

En el contexto del fútbol sala en las escuelas de Educación Básica, a menudo asociamos su práctica con el aspecto deportivo/mediático difundido en los medios de comunicación. A la hora de abordar este tema en el ámbito escolar, es crucial discutir y experimentar las diversas posibilidades de practicar el fútbol sala, descubriendo otras



possibilidades de jogá-lo. Com esta intencionalidade, apresentamos o relato de experiência em uma escola de Educação Técnica Integrada ao Liceo, que explorou a prática do futsal, utilizando a metodologia do futebol callejero. A trajetória metodológica incluiu questionários com perguntas abertas e fechadas e diários de campo, com análise fenomenológica. Destacamos aspectos positivos mobilizados na prática, como a interação e sociabilidade entre os estudantes, favorecendo o diálogo dentro e fora da cancha, criando regras e possibilidades para praticar futebol sala. Entre os participantes se destacou a relevância da prática dos princípios básicos do futebol callejero (respeito, solidariedade e companheirismo) para a formação integral.

Palabras clave: Fútbol Callejero; Formación Humana; Enseñanza.

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar tem procurado aproximar cada vez mais seus conteúdos da realidade vivenciada pelos alunos e alunas, visando promover uma discussão mais aprofundada sobre as possibilidades de abordagem dos temas relacionados às práticas corporais, entre elas, o esporte. Essa aproximação tem contribuído para superar a crise de identidade (BRACHT, 2000) enfrentada pela área, que, por muito tempo, foi vista apenas como disciplina responsável pelo desenvolvimento de habilidades motoras, por meio da prática esportiva, sem uma reflexão mais aprofundada sobre o tema.

No Instituto Federal de Mato Grosso, cuja missão é “Educar para a vida e para o trabalho” (IFMT - PDI 2019/2023, 2019, p. 20), a preocupação tem sido a de responder à seguinte pergunta: as práticas esportivas que os/as estudantes tão bem aceitam nas aulas de Educação Física estão indo ao encontro da missão da Instituição? A partir desse questionamento, compartilha-se a experiência do autor com a prática do futsal, utilizando-se da metodologia do *fútbol callejero*.

Como proposição para o final do 4º bimestre no ano de 2022, discutiu-se a possibilidade de jogar futsal em que todos e todas obtivessem o direito à prática, sem ser da forma institucionalizada pelas equipes profissionais, como é o esporte midiático. Desta feita, realizou-se a prática do *fútbol callejero*, que é o foco deste relato de experiência. A proposta pautou-se nos princípios do *fútbol callejero*, cujos pilares são o respeito, a solidariedade e o companheirismo, sendo que ele é jogado por equipes mistas, tendo sua prática fundada num sistema autogestionário.

O FÚTBOL CALLEJERO

O *fútbol callejero* surgiu no bairro Chaco Chico, região metropolitana de Buenos Aires, Argentina, com a intenção de recuperar o espaço de protagonismo e o diálogo entre os/as jovens deste bairro periférico, que sofria, principalmente, com a violência entre as





gangues locais e o descaso das políticas públicas com seus/suas moradores/as. Fábian Ferraro (um ex-jogador profissional de futebol) e seu amigo Julio Jiménez foram os principais idealizadores deste projeto (ROSSINI et al., 2012).

Belmonte (2019), ao referenciar o surgimento do projeto, cita Rossini e colaboradores (2012), onde este transcreve que, originalmente, o projeto aproveitou o momento de destaque da Copa do Mundo de 1994 e trabalhava especificamente com o futebol. Com seu sucesso, logo houve outras demandas e o crescimento se tornou inevitável. No ano de 1998, criou-se a "*Fundación Defensores Del Chaco*", com o intuito de trabalhar outras questões, para além do futebol, buscando então novas alternativas para atender a população jovem que não frequentava o espaço do projeto, principalmente as mulheres.

Rossini e colaboradores (2012) contam que no ano de 2001, enquanto caminhava pelas ruas do bairro vizinho, chamado *Bongiovanni*, Fábian se deparou com uma partida de futebol disputado por equipes formadas por gangues, costumeiramente rivais. Como educador, ficou surpreso porque tinha uma preconceção que, por serem gangues rivais, um conflito seria inevitável. Os jogos eram autogestionários, sem a presença de árbitro, ou seja, os jogadores organizavam o conjunto de regras antes do início de cada partida (BELMONTE, 2019).

Com perspicácia, Fábian Ferraro tratou de adaptar o jogo que assistiu aos princípios de seu projeto. Convidou as lideranças dos bairros com o intuito de ampliar a frequência dos jogos, porém, de início, houve resistência, principalmente, à incorporação das meninas, que antes eram apenas expectadoras das partidas realizadas, portanto, alijando-as do processo de inclusão e de acesso às práticas (BELMONTE, 2019).

Essa participação não tão efetiva no início promoveu o debate na busca por superar esta condição de exclusão das meninas, levando em conta que os meninos não passavam a bola para elas. Através deste desconforto vivenciado na prática, surgiram proposições de regras com o intuito de incluí-las efetivamente no jogo, o que também acarretou mudanças na forma de jogar masculina (mais rude, brusca). Assim, deu-se o início ao que hoje conhecemos como *fútbol callejero*. A busca pela inclusão de todos e todas na prática do futebol, tendo como estratégia, a atenção e o acolhimento dos/as jovens que estavam à margem das políticas públicas (ROSSINI et al., 2012).

A prática do *fútbol callejero* é relativamente recente. Os princípios que fundamentam esse jogo são o respeito, a solidariedade e o companheirismo (ROSSINI et al.,





2012), que devem ser enfatizados durante a sua prática. A partida compõe-se de “três tempos”, sendo disputada necessariamente por homens e mulheres. Não existe a figura do/a árbitro/a, mas, sim, do/a mediador/a. Não há regras definidas antecipadamente para praticá-lo. Todas as decisões em relação ao jogo, regras, duração e dinâmica da partida são tomadas pelos/as participantes, de forma dialógica e consensual.

No início da partida, os/as jogadores/as se reúnem em um círculo para estabelecer acordos relacionados às regras do jogo. Durante esse momento, o/a mediador/a, uma figura reconhecida pelo grupo, registra as regras e acordos firmados pelos/as participantes (ROSSINI et al. 2012).

Após a definição das regras, inicia-se o segundo tempo, guiado pelos acordos estabelecidos anteriormente. É a hora de “rolar a bola”. Durante essa fase, o/a mediador/a observará atentamente o jogo, fazendo as anotações que tenham relação direta com as regras acordadas. Transcorrido o segundo tempo, forma-se um novo círculo e inicia-se o terceiro tempo, conhecido como mediação (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Belmonte e Gonçalves Junior, (2018) ao se pronunciarem sobre o período denominado mediação, se fundamentam em Rossini e colaboradores (2012), que afirmam que a mediação é iniciada a partir da conversão do número de gols em pontos, com a premissa de que a equipe com mais gols começa com dois pontos, enquanto a equipe com menos gols começa com um ponto. Em seguida, o/a mediador/a aborda as situações dos tempos anteriores (primeiro e segundo tempo); questiona os/as jogadores/as sobre a demonstração de respeito (ou a falta dele) para com colegas da mesma equipe ou da adversária; verifica o cumprimento (ou não) das regras e acordos previamente estabelecidos; e discute com os/as jogadores/as a respeito das suas atitudes, relacionando-as aos pilares do método (respeito, companheirismo e solidariedade), gerando pontos. O término da partida ocorre com o consenso entre os/as participantes acerca do resultado final, e firmado, geralmente, com aplausos.

Observa-se que o/a mediador/a tem papel relevante nas discussões realizadas no terceiro tempo. Entre os/as estudiosos/as do tema, há consenso de que, no momento final, na roda de conversa entre as equipes, quando o/a mediador/a é chamado/a para facilitar o diálogo problematizando as situações vivenciadas, desvela-se a qualidade da relação estabelecida entre os/as participantes, à luz dos pilares que sustentam a prática (BELMONTE, 2019).





[...] “3º Tempo” ou “Mediação” – momento final no qual o/a mediador/a intervém estimulando o diálogo acerca das situações e atitudes manifestadas durante o jogo. Neste diálogo, para além dos gols, o (des)respeito aos “princípios fundantes” também é problematizado, possibilitando a emergência do resultado final a partir do senso de justiça que é compartilhado entre os/as jogadores/as (SOUZA JÚNIOR; MARTINS; BELMONTE, 2015, p. 228).

A prática do *fútbol callejero* tem como intencionalidade a autonomia dos/das seus/suas participantes, sem a necessidade de regulação ou de autoridade externa dizendo o que os/as praticantes devem ou não fazer. Todas as regras primam pelos valores basilares, favorecendo a inclusão de homens e mulheres na atividade, buscando valorizar as atitudes e o respeito aos/às adversários/as, a cooperação e a igualdade de oportunidades.

Esse processo dialógico favorece a busca pela formação humana, o que corrobora com a missão do IFMT. Ao dialogarem, questionam e transformam suas perspectivas, assumindo uma postura crítica e reflexiva em relação ao mundo que os cerca. Para Freire (2013), a educação dialógica é uma forma de resistência à opressão e à desigualdade social, pois permite que as pessoas se conscientizem dos seus próprios problemas e se mobilizem para transformar sua realidade. Assim, o diálogo na educação é uma forma de empoderamento, em que as pessoas podem tornar-se sujeitos ativos na construção de um mundo mais justo e igualitário.

PERCURSO METODOLÓGICO

A abordagem da proposta teórico-metodológica do presente trabalho é qualitativa. Tal escolha apoia-se em Bogdan e Biklen (1994, p. 16), pois compreendemos que este tipo de pesquisa qualitativa “[...] privilegia a compreensão dos comportamentos, a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”, bem como, por considerarmos experiências e pontos de vista dos sujeitos participantes.

Em relação aos instrumentos de produção de informações, foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas, agendados previamente e disponibilizados para preenchimento, por escrito, de forma presencial, em local que garantia a tranquilidade do/a aluno/a; diários de campo, que foram preenchidos, pelo pesquisador, a cada encontro da intervenção pedagógica.

A análise das informações produzidas, deu-se através da fenomenologia, através da identificação de unidades de significado, agrupamento em categorias temáticas e sua construção em categorias temáticas, apresentando as falas, na íntegra, dos/as participantes da





experiência pedagógica realizada no Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus Primavera* do Leste, com duas turmas de 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Nível Médio, sendo uma do curso técnico em Eletromecânica, com vinte e dois alunos/as e outra do curso técnico em Logística, com vinte alunos/as.

Durante o 4º bimestre/2022, trabalhamos com a tematização voltada para o futebol. Foram realizados seminários pelos/as alunos/as tratando sobre: o futebol e a prática como direito das mulheres e lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binários e outras identidades não explícitas (LGBTQIAPN+); futebol e política, incluindo sua ligação com as ditaduras na América do Sul; futebol e sociedade, como direito da prática fora dos locais institucionalizados; futebol e as diversas formas de praticá-lo (bobinho, altinha, gol a gol, golzinho, futebol de botão, futsal), incluindo um campeonato de futebol de botão, em alusão à Copa do Mundo.

A experimentação pedagógica da prática do futsal, utilizando-se da metodologia do *fútbol callejero*, foi desenvolvida durante dez aulas de Educação Física, compostas por um conjunto de aulas geminadas, perfazendo cinco encontros, durante o 4º bimestre do ano letivo de 2022. A opção pelo futsal como modalidade esportiva, pertencendo a família dos esportes com bola nos pés (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009), ocorreu pela disponibilidade de espaço na escola, sendo um ginásio poliesportivo. As aulas ocorreram semanalmente, sendo duas aulas de cinquenta minutos cada, no mesmo dia da semana. Insta apontar que a experimentação pedagógica atendeu, em momentos diferentes duas turmas.

Foram realizados cinco encontros, nos quais as atividades foram organizadas da seguinte forma: primeiro encontro: avaliação diagnóstica sobre os pilares do *fútbol callejero* (antes da apresentação do *fútbol callejero* e suas particularidades para os/as alunos/as), visando colher o entendimento dos/as alunos/as, a respeito dos pilares basilares do *fútbol callejero* (respeito, solidariedade e companheirismo); do segundo ao quarto encontro: prática do futsal, utilizando-se da metodologia do *fútbol callejero*, vivenciando os três períodos da atividade; quinto encontro: avaliação da experimentação pedagógica através do *fútbol callejero*, na perspectiva dos/as alunos/as.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro, conversamos com os/as alunos/as das duas turmas separadamente, sobre como seria a sequência das aulas, tendo o *fútbol callejero* como tema





principal. Foi solicitado que eles/elas preenchessem a avaliação diagnóstica, para aferir seus conhecimentos sobre os pilares do *fútbol callejero*. Ressalta-se que não foi solicitado que os/as alunos/as colocassem seus nomes, para não os/as inibirem com respostas “certas ou erradas”. Isso, inclusive, foi citado por um aluno da turma de eletromecânica: “ainda bem que meu nome não aparece, pois é muito difícil colocar no papel o que pensamos sobre esses pilares”.

Após, apresentou-se o conteúdo a ser trabalhado, descrevendo a história da criação do *fútbol callejero* e em qual situação ele se fez presente, debatendo suas potencialidades para uma cultura de paz e respeito dentro dos jogos dos diferentes futebóis (neste estudo, foi utilizado o futsal). Considerando a missão do IFMT, ao serem questionados/as sobre os pilares, 95% (noventa e cinco) dos/as alunos/as apontaram como essencial trabalhá-los nas aulas, uma vez que vão ao encontro da formação humana.

O ensino do jogo/esporte na escola deve, primeiramente, respeitar o projeto político-pedagógico da escola e por ele se balizar, e ajustar de forma equilibrada as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais ao longo do processo e do currículo (SCAGLIA; REVERDITO, 2016, p. 51).

Ao relatarem suas percepções sobre os pilares do *fútbol callejero*, os/as alunos/as se manifestaram como relação ao **respeito**: “tratar o próximo de forma digna”; “respeitar o espaço do outro, independente de idade, cor ou gênero”; “é fazer com o outro o que gostaria que fizessem com você”. Com relação ao **companheirismo**: “ajudar sem esperar algo em troca, e oferecer o melhor de si”; “é aprender a trabalhar junto, no jogo ou fora dele”; “no jogo, é apoiar seu companheiro de equipe e se algo acontecer, colocar a amizade acima de qualquer placar”. Quanto ao quesito **solidariedade**: “é quando você se coloca no lugar do outro”; “é ser humilde e ajudar sem esperar nada em troca”; “é estender a mão quando o outro precisar”. Aqui já percebemos aspectos positivos associados aos pilares propostos para a prática do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física escolar, podendo o fenômeno esporte ser discutido de forma inclusiva (REVERDITO; SCAGLIA, 2009), observando as premissas da Instituição escolar.

Os resultados da experimentação pedagógica evidenciam a possibilidade de os pilares do *fútbol callejero* desenvolverem atitudes que fomentem o bem-estar entre os/as participantes da prática do futsal na escola. Pasquarelli e Santos (2021) apontam subsídios para corroborar a missão da Instituição:

A identificação com o futebol fez e faz as pessoas mudarem de atitudes, de hábitos, de comportamento; o futebol altera emoções e cria sentimentos de





pertencimento, pois encontram no jogo analogias de situações da sua própria vida (PASQUARELLI; SANTOS, 2021, p. 34).

Assim sendo, nada melhor do que colocar a “bola para rolar”. Nos três encontros seguintes, os/as alunos/as vivenciaram o jogo de futsal utilizando a metodologia do *fútbol callejero*. Para formar os times de forma imparcial, utilizou-se a dinâmica do joquempô (pedra, papel e tesoura) em cada encontro. Definidas as equipes, era escolhido/a um/a aluno/a entre todos/as os/as participantes, para ser o/a mediador/a da atividade, que anotava e discutia com os/as participantes as regras que seriam seguidas na atividade do dia. Durante o jogo, o/a mediador/a anotava os eventos ocorridos. Após, fazia a mediação entre as equipes, com base nos pilares do *fútbol callejero*, para, consensualmente, definirem a equipe vencedora da atividade do dia.

Quadro 1 – Anotações realizadas pelo/a mediador/a

Regras definidas para as partidas	Observações do segundo tempo
Segundo Encontro	
<ul style="list-style-type: none">• Não pode haver xingamentos, nem agressões (físicas ou verbais);• O gol é realizado da mesma forma que o futsal convencional;• As regras do futsal são as mesmas;• Cada falta cometida tira um ponto da equipe infratora.	<ul style="list-style-type: none">• A equipe “a” ajudou um colega que se lesionou durante a partida;• A equipe “b” não se preocupou com o colega lesionado;• Um membro da equipe “a” saiu do jogo e não se preocuparam com ele;• Houve xingamentos por parte das duas equipes.
Terceiro Encontro	
<ul style="list-style-type: none">• Cada xingamento ou falta vale um ponto para a outra equipe;• Cada gol de menina valerá dois pontos;• Gol originado de falta valerá o dobro de pontos;• Bola na trave valerá um ponto;• No 3º período, todos/as devem respeitar a fala do/a colega (quando um falar, os/as outros/as respeitosamente devem esperar).	<ul style="list-style-type: none">• As duas equipes proferiram xingamentos;• Quando algum integrante da equipe xingava, houve cobrança por parte dos/as outros/as alunos/as em relação ao desrespeito à regra;• Os meninos não aproveitaram a oportunidade de pontuação maior quando as meninas fizessem gols;• Houve maior participação das meninas da equipe “a”.
Quarto Encontro	
<ul style="list-style-type: none">• Se não houver xingamento ou palavrão, a equipe ganha um ponto ao final;	<ul style="list-style-type: none">• Em cada gol realizado, todos/as comemoraram;





<ul style="list-style-type: none">• Ao realizar gol, todos os/as participantes devem comemorar, pois o sucesso de um/a deve ser comemorado por todos/as;• Se porventura ocorrer uma “falta de jogo”, sem maldade, deve-se primeiramente atender o/a colega antes de continuar o jogo;• Lembrar que estão jogando “com” outra equipe e não “contra”.	<ul style="list-style-type: none">• Houve faltas de jogo sem a intenção de parar o jogo;• Não houve xingamentos;• As meninas estavam mais incluídas na atividade, assim como alguns meninos que não gostam de jogar futsal;• Ao término do segundo tempo, houve um abraço coletivo no centro da quadra.
---	--

Fonte: construção dos autores.

De fato, nos momentos definidos como “bola em jogo”, quando a prática da modalidade de futsal efetivamente aconteceu, muitas situações citadas por Pasquarelli e Santos (2021) emergiram. Os/as participantes precisaram vivenciar a atividade, e, conforme foram amadurecendo, compreenderam que o resultado final que seria declarado no terceiro tempo era muito mais do que exclusivamente do número de gols no segundo tempo; passaram a dar mais ênfase aos conceitos basilares do *fútbol callejero*: respeito, solidariedade e companheirismo.

No terceiro tempo de jogo, ocorreu o maior embate de opiniões entre os/as participantes, que, de forma respeitosa, aprenderam a defender suas ideias e respeitar o momento de fala de seus/suas colegas. Tudo que aconteceu foi mediado por um/uma colega escolhido/a no início da partida, que pontuou as regras e problematizou as situações vivenciadas.

O processo de mediação, previsto no terceiro tempo da metodologia do *Fútbol Callejero*, promoveu o encontro das consciências e a possibilidade da compreensão das situações pelo diálogo, em que cada um pode se expressar e apresentar suas próprias versões das ocorrências, de modo coletivo, buscando-se consenso e favorecendo o amadurecimento de todos/as [...] (VAROTTO et al., 2018, p. 119).

O resultado de cada pilar é decidido de forma consensual entre os/as participantes. Esse resultado, no início (segundo encontro), não foi dos mais fáceis, pois os/as alunos/as ainda estavam acostumados/as a jogarem futsal em que o resultado final dependia exclusivamente do maior número de gols, sem considerar a participação conjunta de todos/as os/as que estavam na quadra. Ou seja, “se fizermos mais gols que nosso adversário, certamente sairemos vencedores desta partida”. Neste encontro, os embates foram os mais acirrados dos três, pois vivenciavam pela primeira vez, a prática do *fútbol callejero*.





Nesse contexto, a dialogicidade proposta por Freire (2013), se mostra como um elemento fortalecedor das abordagens da metodologia do *fútbol callejero*. O diálogo-reflexão coletivo acerca de temas como a importância ou não do gol, as noções de vitória e derrota, competição e cooperação, bem como a possibilidade de inclusão de meninas e meninos no mesmo campo de jogo, ganha cada vez mais destaque, intensificando o exercício crítico, caracterizado por tensões, porém, com a oportunidade de superar preconceções existentes (SILVA; MARTINS, 2023).

No segundo encontro, a primeira polêmica partiu justamente da exclusão ou do alijamento da participação das meninas na prática do futsal. Essa questão aflorou nas duas turmas que participaram da pesquisa. As meninas, quase em uníssono, reclamaram que não se sentiram incluídas nas atividades, apesar da regra de todos/as terem as mesmas oportunidades de vivenciarem a prática esportiva. Em ambas as turmas, uma parte considerável dos meninos rebateram dizendo que as meninas não corriam atrás da bola para ajudar a recuperá-la do/a adversário/a. Logo, uma polêmica tomou conta da aula: quem estava com a razão?

[...], há uma outra forma de interação com as regras que conduzirão o jogo jogado, uma vez que estas são elaboradas pelos/as participantes, podendo contribuir com uma participação muito mais ativa daqueles/as envolvidos/as nesse processo, bem como, da resolução dos conflitos e dilemas que ocorrem no interior do próprio desenrolar do jogo, devendo ser decidida pelo grupo, já que não há arbitragem (CASTRO; FERREIRA, 2022, p. 82-83).

Todos esperavam que o professor agisse como juiz e determinasse o resultado (o que não ocorreu). Entre eles/as, havia um/a mediador/a para, justamente, ajudá-los/as a chegar a um consenso para a atividade em que eles/as criaram as regras e jogaram. Então, por que outra pessoa deveria dizer o que é certo ou não para o fato? Depois de muita discussão, chegaram ao consenso de que haviam criado regras que não estavam seguindo. Ou seja, deram-se conta de que, no primeiro encontro, as regras criadas não foram respeitadas, declarando assim que não haveria um time vitorioso, e que a prática nessa nova metodologia se confrontava com o que sempre haviam jogado (um futebol de resultado). Era preciso repensar as práticas e regras para a próxima aula.

Nos dois próximos encontros, as regras criadas procuraram atender melhor os parâmetros de avaliação do jogo, criando situações em que todos/as pudessem participar. Fato interessante ocorreu no quarto encontro, quando uma turma propôs que, independentemente da equipe que fizesse gol, este deveria ser comemorado por todos/as os/as presentes na quadra, pois, como estavam jogando com colegas e não mais contra uma equipe adversária,





seria de 'bom tom' comemorar a conquista. Assim fizeram, inclusive, criando coreografias, após cada gol. Nos momentos da mediação (terceiro tempo), ficou nítido a importância da regra para todos/as, pois cada um/a vislumbrava na conquista do/a outro/a um momento de celebração do ato realizado, como se este fosse dele/a próprio/a.

Outras questões foram pontuadas para auxiliar no placar do jogo, como, por exemplo: bola na trave valeria um ponto; equipe que não cometesse faltas em seus/suas colegas teria um ponto extra ao final do segundo tempo; gol de meninas valeria dois pontos. Fizeram esta regra no terceiro encontro e observaram que a regra atendia de forma desigual os que, no jogo, por conta das regras, deveriam ser tratados como iguais. O relevante nesta discussão é que o fato foi levantado por uma menina que se sentiu inferiorizada e menosprezada, como se ela não tivesse a "capacidade de fazer gols sem a ajuda dos meninos. Se estamos lutando por igualdade de gênero, essa regra não nos atende". Para Rossini e colaboradores (2012), é possível imprimir olhares para a igualdade de gênero, pois meninas e meninos jogam juntos e em condições iguais.

Fato análogo foi encontrado no artigo de Martins, Souza Junior e Belmonte (2015), que retrata a seguinte situação:

Os discursos de Helena e Estela vão ao encontro da fala dos organizadores do FC, aqui do Brasil, que afirmam que regras como essa, de o gol por menina valer mais, não contribuem para o fortalecimento dos pilares de solidariedade e respeito, de modo que a participação das meninas deveria ser fruto do atendimento aos pilares do FC e não uma imposição de regras – ainda que seja uma imposição a presença delas em campo. O que, no entanto, a fala de Helena demonstra é que a adesão a essa ideia não é imediata, fazendo parte de um processo, dentro do qual a regra "discriminatória" teria sido necessária. Isso nos mostra a riqueza do processo real, em que, mesmo com os promotores da atividade discordando, ela acaba ocorrendo e, depois, sendo problematizada e transformada (MARTINS; SOUZA JÚNIOR; BELMONTE, 2015, p. 9).

Como limitação para discussões e aprofundamento da mudança de paradigma para o jogo de futsal em si, temos que considerar o pouco tempo de intervenção com as atividades - apenas três encontros - nos quais houve a prática do futebol callejero nas aulas. Contudo, percebeu-se uma mudança nas discussões e a preocupação para que, a cada encontro, fossem agregadas regras que pudessem incluir situações em que os/as alunos/as haviam perdido pontos no jogo anterior.

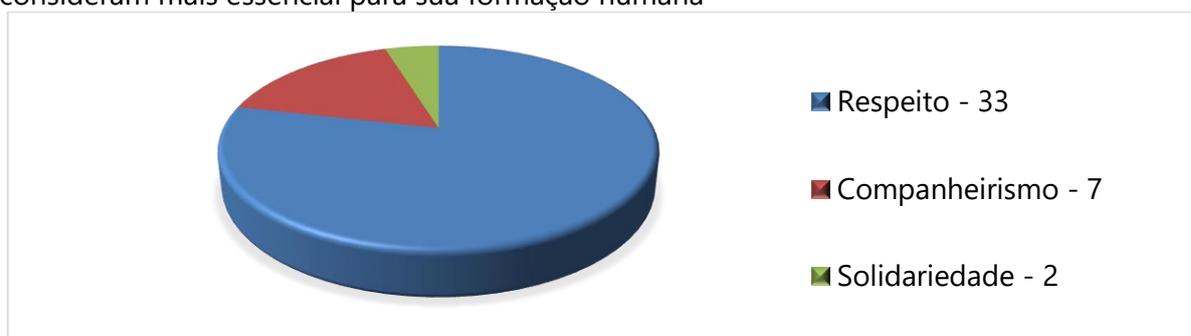
Após os encontros, nos quais a "bola rolou de verdade" e as experiências saíram da "teoria e foram para a prática", os/as alunos/as se reuniram e novamente preencheram uma





avaliação, do tipo questionário aberto, para relatar a vivência das atividades, indicando se houve ou não melhora individual e coletiva nas atitudes relacionadas aos pilares do *fútbol callejero*, bem como os pilares que consideravam mais importantes para a formação humana.

Figura 1 – Percepção dos/as alunos/as sobre qual dos três pilares do *fútbol callejero* consideram mais essencial para sua formação humana



Fonte: construção dos autores.

De acordo com as respostas, observa-se que para os/as alunos/as o pilar respeito pode englobar as atitudes que facilitam os outros pilares, conforme os relatos a seguir: “com o respeito, o jogo ficou mais divertido e fácil de ser jogado”; “acredito que o respeito é a base de tudo. Respeitando, observa-se o jogo como um todo, e principalmente, nossos colegas”; “dever de todo ser humano é ter respeito pelo próximo, assim no futebol e na vida, pois o futebol está na nossa vida e respeitar o próximo é essencial para nossa formação”; “[...] respeitando a opinião e o espaço do outro o jogo flui e assim fica um esporte legal de se praticar”; “se sou solidário e companheiro, só consigo ser porque respeito meu colega. Então, respeito acima de tudo”.

Essa percepção pode ser corroborada, ao expressarem se haviam mudado suas atitudes em relação ao convívio social após a prática do *fútbol callejero*, com destaque para as seguintes manifestações: “mudou a maneira de conviver com as outras pessoas, a turma começou a interagir, se unir. Também mudou a questão de ouvir os outros para depois emitir opinião”; “a turma analisou como perdia pontos e nos jogos seguintes houve empatia e solidariedade”; “acho que se aplicássemos os três pilares em nosso dia a dia, teríamos um melhor convívio com as pessoas”; “que sempre há outros pontos de vista além do seu e também quase sempre há como chegar em consenso através do diálogo”.



Moraes e Couto (2021), ao apresentarem os resultados advindos de uma intervenção pedagógica desenvolvida com alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental, relatam que

Foi possível perceber que os processos educativos e, conseqüentemente, a troca de saberes, ocorreram em vários momentos das intervenções, contribuindo em diálogos que levassem para atitudes de compartilhar em detrimento de competir [...] (MORAES; COUTO, 2021, p. 143).

Varotto, Grifoni e Souza Júnior (2023) corroboram ao referenciarem outra experiência pedagógica com uma turma do Ensino Fundamental, dizendo que:

Podemos considerar, ainda, que a prática do Fútbol Callejero promoveu espaços de relações humanizadas pautadas pelo diálogo, que fez emergir ações de cuidado, respeito, cooperação e solidariedade com outrem, mostrando-se uma importante abordagem metodológica tanto para as aulas de Educação Física como para a Educação em sentido mais amplo, extrapolando, inclusive, os muros da escola e se expressando em diferentes formas de relação no mundo-vida (VAROTTO; GRIFONI; SOUZA JÚNIOR, 2023, p. 347).

O pouco tempo demandado para a intervenção também foi apontado pelos/as participantes: "não mudou nada"; "na minha opinião não mudou nada, pois foram poucas as aulas"; "nada, pois embora o *fútbol callejero* proporcione discussões que nos ensinam muito, não foi algo que mudou minha vida", "os poucos encontros contribuíram para uma pequena mudança, mas, como somos teimosos, precisaríamos de mais tempo para entender que o mais importante aqui não seria o jogo, e sim como nós jogamos".

São respostas que nos encorajam a seguir com a prática do *fútbol callejero* como uma possibilidade de intervenção na realidade encontrada nas turmas de Educação Física no IFMT *Campus Primavera do Leste*. Ainda, vale acrescentar que é possível e viável de ser implantada nas mais diversas realidades escolares.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

O relato de experiência ora apresentado, traz em seu cerne a necessidade de não concluir ou trazer respostas fechadas sobre o fenômeno experimentado, mas as compreensões de processos educativos que decorre da prática do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física de uma escola de nível médio com cursos técnicos integrados. O processo vivenciado permitiu observar o engajamento dos/as alunos/as na busca por soluções que primam pela participação efetiva de todos e todas nas aulas de Educação Física, favorecendo a inclusão justamente daqueles e daquelas que se sentiam aliados/as do processo educacional.





Temos consciência de que é necessário avaliar e ressignificar as práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, pois através delas atingimos uma maior quantidade de alunos e alunas, que, por vezes, ficam à margem das ações educativas vivenciadas em nossas aulas, por não se sentirem partes do processo. Alguns apontamentos que nos chamaram atenção ao término do período da intervenção:

Percebemos uma interação melhor da turma durante as discussões mediadas no decorrer da experiência. Houve evolução na escuta e no respeito às falas.

- As atitudes dos/as alunos/as foram observadas também em outros momentos, fora da aula de Educação Física, como, por exemplo, nos encontros que antecedem a aula propriamente, onde eles/as se cumprimentaram mais e com maior intensidade (abraços e palavras), pois diziam que era muito importante ser respeitoso/a e companheiro/a de seus colegas”.
- Observaram que podem jogar futsal de forma não convencional, sem as regras impostas pelo sistema institucionalizado esportivo, as quais podem ser adaptadas às suas reais necessidades e desejos.
- No decorrer da prática, por respeitarem mais as regras criadas por eles/elas, entendiam que poderiam “jogar mais tempo do que ficarem discutindo sobre possíveis erros ou falhas nas regras”. O ato de jogar passou a ser a prioridade em detrimento do resultado numérico de gols.

Portanto, que possamos vivenciar o entusiasmo de todos e todas ao saírem das aulas, com o dever cumprido de estar e se fazer presente nas práticas corporais que são apresentadas na escola. É tarefa nossa, como educadores e educadoras, repensar as práticas e buscar outras possibilidades metodológicas. Que tenhamos outras oportunidades de vivências que estejam em consonância com a missão de uma educação para tornar seres humanos mais humanos (BRONFENBRENNER, 2005). Nessa direção, podemos começar tornando o jogo possível para todos/as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELMONTE, Maurício Mendes. **Fútbol callejero**: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 524f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019.





BELMONTE, Maurício Mendes; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. *Fútbol callejero*: nascido e criado no Sul. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 116, p. 155-178, 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BRACHT, Valter. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in) feliz. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 22, n. 1, p. 53-63, 2000.

BRONFENBRENNER, Urie. **Making human beings human**: bioecological perspectives on human development. Thousand Oaks, California, USA: Sage Publications, 2005.

CASTRO, Lígia Estronioli De; FERREIRA, Lilian Aparecida. *Fútbol callejero*: uma primeira análise praxiológica. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 3, p. 70-85, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

IFMT - PDI 2019/2023. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2019-2023**. Cuiabá, MT: IFMT, 2019.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira De; BELMONTE, Maurício Mendes. Quando as meninas tomam a rua: as relações de gênero no Fútbol Callejero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/CONBRACE, 19/ CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/CONICE, 6. **Anais...** Vitória, ES: UFES, 2015.

MORAES, Fabio De; COUTO, Yara Aparecida. Os saberes atitudinais e a metodologia callejera na educação física escolar. **Revista da sociedade de pesquisa qualitativa em motricidade humana**, v. 5, n. 1, p. 134-145, 2021.

PASQUARELLI, Bruno Natale; SANTOS, Diogo Cardoso. **Futebol da cabeça aos pés**. Curitiba, PR: Appris, 2021.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

ROSSINI, Luciano e colaboradores. **Fútbol callejero**: juventud, liderazgo y participación-trayectorias juveniles em organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires, Argentina: FUDE, 2012.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey (Orgs.). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2016.





SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-18, 2023.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; MARTINS, Mariana Zuaneti; BELMONTE, Maurício Mendes. *Fútbol callejero*: desafios e potencialidades de uma metodologia para a educação popular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 9/ SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 15. **Anais...** Rio Claro, SP, Unesp, 2015.

VAROTTO, Nathan Raphael e colaboradores. "Fútbol callejero" na educação física escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista brasileira de iniciação científica**, v. 5, n. 5, p. 104-120, 2018.

VAROTTO, Nathan Raphael; GRIFONI, Tiago; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira De. *Fútbol callejero*: processos educativos emergentes de uma metodologia de educação popular. In: SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira De; CARVALHO, Ricardo Souza De; PRADO, Denis (Orgs.). **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos, SC: EdUFSCar, 2023.

Dados do primeiro autor:

Email: claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br

Endereço: Avenida Dom Aquino, 1500, Parque Jardim Eldorado, Primavera do Leste, MT, CEP 78850-000, Brasil.

Recebido em: 18/10/2023

Aprovado em: 29/11/2023

Como citar este artigo:

CAVALHEIRO, Claudionor Nunes; REVERDITO, Riller Silva. *Fútbol callejero*: uma alternativa pedagógica para as aulas de educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16460, p. 1-16, 2023.

Apoio:

Este estudo contou com o financiamento do Programa Academia e Futebol, do Ministério do Esporte (Convênio nº 902335/2020).

